

O MATERNAR ANTES DO SÉCULO XIX: UMA LONGUÍSSIMA IDADE MÉDIA?

Elaine Pereira Farrell*

Resenha dos livros:

PÉREZ, María Jesús Fuente. **Ser mãe na Idade Média**. Rio de Janeiro: Livraria Vozes, 2025, 432p.¹³

AICHINGER, Wolfram; GROHSEBNER, Sabrina. Childbirth in Early Modern Spain. **Agora**. Wiener philologisch-kulturwissenschaftliche Studien | Vienna Philological and Cultural Studies 3. Praesens Verlag Open-Access, 2025, 209p.

A tradução da obra *La luz de mi ojos: Ser madre en la Edad Media* para o idioma português é uma importante contribuição para um campo ainda incipiente mas em crescimento no Brasil. Até então, não contávamos com uma obra que fornecesse uma visão panorâmica dos aspectos vinculados à concepção, parto e criação na Idade Média.

A obra de María Jesús Fuente Pérez e seu co-escritor Manuel Sosa é uma leitura agradável, redigida de forma envolvente, que pode agradar tanto aos pesquisadores quanto ao público mais amplo não especializado em estudos medievais. O estudo de Fuente Pérez é muito bem investigado, resultante de anos de trabalho de uma professora catedrática, atualmente emérita, abarcando diversas fontes, sobretudo da Baixa Idade Média, ainda que recorrendo ocasionalmente à fontes anteriores ao século XI. Há uma intencionalidade de escrever uma história que abrange o ocidente medieval de modo amplo, e em certa medida comparativo, ainda que não explicitamente. Entretanto, fica evidente que o maior comando da autora é com as fontes produzidas na Península Ibérica, principal área de sua especialização.

¹³Realizei leitura a partir da versão Kindle original em espanhol: FUENTE, María Jesús. *La luz de mis ojos. Ser madre en la Edad Media*. Madrid: Taurus, 2023, 501p.

*Professora e pesquisadora na School of Celtic Studies, Maynooth University. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6811-3066>.

A obra é dividida em três partes, concentrando análises e exemplos que refletem as três etapas biológicas da maternidade: I - Antes do parto, II - Durante o parto, III - Depois do parto: A criação. Dentro da excelente narrativa, a autora introduz episódios biográficos de várias mulheres que viveram no medievo, desde rainhas à mulheres comuns como servas e amas de leite. A tentativa da Fuente Pérez de apreciar a maior diversidade possível de contextos é admirável. Um importante destaque da obra é a habilidade da pesquisadora em incluir exemplos cristãos, mulçumanos e judeus, favorecida pelo contexto ibérico, que era um caldeirão de culturas que tanto se confrontavam, como se emaranhavam. A investigação salienta tanto semelhanças, quanto divergências na abordagem de autores e personagens destas três grandes religiões a respeito de cada tópico assinalado. Evidenciando que os níveis de rigidez e liberalidade poderiam oscilar mesmo dentro de uma mesma sociedade ou religião, a depender do ponto de vista e entendimento das autoridades religiosas e literárias.

Apesar do comando da autora e da sua explícita exposição do fato de que ela lançou o seu olhar sobre o medievo com questões modernas em mente, questões as quais nos têm guiado a refletir sobre o maternar em sociedades passadas, transparece a dificuldade de contemplar o assunto sobre todo o medievo em uma obra única. Estudos de longa duração como este, servem como pontos de partida, mas chamam a nossa atenção a necessidade de investigações com recortes mais pontuais, indicando assim caminhos para pesquisas futuras.

A obra nos apresenta uma vasta tipologia de fontes primárias e secundárias, entretanto, a atualização das leituras variam de qualidade mediante a profundidade do conhecimento da autora em relação a algumas sociedades e temporalidades. Como assinalado, o ponto forte do livro são as análises sobre a Península Ibérica, sobretudo após o século XI. Ao observar recortes que são o meu foco principal de investigação, tais como livros de penitência, história da Irlanda, e aborto, é impossível não notar que a bibliografia poderia ter sido mais atualizada. Fuente Pérez apontou bem que uma das primeiras narrativas sobre abortos 'miraculosos', nos quais santas e santos milagrosamente desaparecem com a gravidez de religiosas arrependidas, surgiram na Irlanda. Entretanto, as referências aos estudos sobre estes episódios na vida dos santos irlandeses não são as mais recentes e atualizadas. O mesmo ocorre com a bibliografia sobre livros de penitenciais, que apresenta-se ultrapassada. Sobre aborto, por exemplo,

a autora identificou a tese doutoral de Zubin Mistry, mas não fez referência a versão desta publicada pela York Medieval Press em 2015. Entretanto, a mesma assinala que a obra foi elaborada durante a pandemia do COVID-19, o que, provavelmente, justifica estes detalhes referentes à acesso e uso de estudos recentes.

Na primeira parte (I - Antes do parto) a autora analisa tanto as circunstâncias de mulheres que não queriam engravidar, e quais os conhecimentos e recursos que se obtiveram neste tempo para evitar ou interromper a gestação, quanto as que muito desejavam e não conseguiam. Atravessando aqui questões sobre (in)fertilidade e aborto, medicina medieval, teologia, e práticas culturais. Nesta, ela analisa a pressão que mulheres de determinadas classes sociais sofriam para gerar muitos herdeiros, como rainhas, aristocratas e mulheres de comerciantes. Revelando aspectos de direitos reprodutivos e ansiedade maternal.

Na segunda parte (II - Durante o parto), Fuente Pérez aborda os perigos físicos e morais enfrentados pelas parturientes. Neste contexto, a autora observa excelentemente através de casos de jurisprudência, leis normativas, e tratados obstétricos dentre outros tipos de fontes a atuação das parteiras no medievo. Identificando que era um trabalho altamente valorizado e de alguma forma remunerado, até pelo menos o século XV, quando discursos de caça às bruxas teriam, de acordo com a autora, englobado as parteiras no frenesi que perseguia os conhecimentos femininos populares em detrimento da medicalização do parto com o avanço e estabelecimento das universidades de medicina. A autora ressalta ainda, que este era de fato um serviço, e não um simples ato de sororidade. As parteiras por muitas vezes tiveram que atuar como testemunhas sobre a virgindade ou não de algumas mulheres, e sobre a legitimidade do nascimento de seus filhos, a fim de refutar a adoção clandestina de crianças como herdeiros de seus cônjuges. Os riscos dos partos eram muitos, e a mortalidade tanto de mães quanto de recém-nascido era alta e um perigo constante. A fé, atrelada e mesclada aos conhecimentos práticos, era necessária, quer fosse na Santa Maria mãe de Jesus, ou em amuletos e outros artefatos. O medo do sobrenatural era outra ameaça, medo de demônios possuírem bebês, ou os trocarem no berço, medo de gravidezes gemelares, e tantas outras crenças que aterrorizavam as mentes.

Na terceira parte (II - Depois do parto: A criação), outro recurso literário de Fuentes Pérez, é iniciar a narrativa em cada parte descrevendo o modelo ideal da maternidade Mariana, e de outras figuras maternas bíblicas como sua prima Isabel e não diferentemente, esta parte inicia com a introdução de Jesus ao templo. Cada parte é dividida em três capítulos, e nesta, os capítulos discutem respectivamente as decisões iniciais tomadas pela mãe sobre o bebê, sobre por exemplo, a mais básica e difícil, a de mantê-lo ou não. Depois aborda a tarefa educativa e finaliza com uma análise sobre a valorização da mãe. Este último capítulo é a cereja do bolo, no qual a autora reflete as biografias acessadas em contraste com o mito do instinto materno, e conceitos de mãe 'boas' e 'más', concluindo que estes são conceitos que dependem da cultura de cada época e de uma série de contextos específicos. Entretanto, a seleção de fontes ajuda a construir uma história das emoções, evidenciando que sim, muitas destas mães, e também pais, amaram seus filhos, e que a maternidade provocava uma série de outros sentimentos e emoções, tanto negativas quanto positivas. A obra inclui ainda uma conclusão, e diversas imagens que ilustram os assuntos desvelados ao longo da narrativa. Não é um trabalho que discute historiografia de forma demasiada, mas por este exato motivo a leitura é fluída.

O livro é muito compreensivo, e respeita a identificação da diferenciação de realidades vividas entre mulheres de classes sociais distintas. Em termos de assuntos relacionados à maternidade, não consigo apontar algo que tenha faltado, muitas foram as questões investigativas propostas e respondidas. Mas, se por um lado a opção do recorte temático favoreceu a produção de uma narrativa envolvente, por outro a falta de sequência cronológica e divisão espacial da abordagem pode confundir os leitores menos experientes sobre o medievo, tais como o público não especializado e alunos iniciantes de graduação. Ainda assim, recomendo a leitura a todos os medievalistas, e acredito que a obra é um excelente ponto de partida para aqueles que quiserem investigar sobre o materno no medievo.

Enquanto a pesquisa de Fuentes Pérez inclui biografias até o século XVI, a de Wolfram Aichinger e Sabrina Grohsebner se concentra principalmente no século XVI-XVII, recorrendo eventualmente a menções do século XV, buscando observar inclusive as principais mudanças ocorridas entre a Idade Média e o início da era que denominamos moderna. Estes recortes e comparações nos incitam a refletir sobre os

conceitos pré e pós modernidade bem como sobre as balizas temporais: quando termina a Idade Média?

Ainchinger e Grohsebner mencionam que obras anteriores serviram de inspiração e referência para a elaboração deste estudo, e dentre estas, a de Fuentes Pérez acima resumida, o que contribuiu para a minha decisão de resenhá-las juntas. O volume é dividido em seis capítulos, uma introdução, vida e nascimento, fertilidade, concepção e gravidez, o nascimento, as bem vindas, e uma conclusão com propostas dos horizontes para o campo. O trabalho é muito mais sucinto do que o anterior, não apenas devido ao recorte cronológico e espacial ser muito mais pontual, alinhavado dentro do dito “Século de Ouro Espanhol”, mas também porque os autores optaram pela objetividade.

O que há de comum entre ambos é a maestria em selecionar documentos e imagens, muitos deles já bastante conhecidos no meio acadêmico, mas sacando deles informações preciosas sobre as relações mãe-filho, situações de parto, de batismo de infantes, e das condições das parteiras e amas de leite. Todavia, enquanto Fuentes Pérez buscou lançar luz sobre as mães, as grandes protagonistas do estudo de Ainchinger e Grohsebner são as parteiras. Os últimos, ao divergentemente da primeira, argumentam que na Espanha do séculos XVI-XVII as parteiras não foram perseguidas nem demonizadas, ao contrário, eram altamente valorizadas, requisitadas, tratadas com confiança, e bem remuneradas. Elas teriam constituído um importante aspecto do tecido social. Não foi antes do século XIX que as parteiras começaram a ser paulatinamente substituídas por médicos, homens, sendo que em populações comuns, isto não teria ocorrido antes do século XX.

Os dois estudos, sobretudo nas conclusões, argumentam que muitos aspectos relacionados ao parto e ao materno guardam semelhanças ao longo dos séculos desde a Antiguidade Tardia à dita Era Moderna. Foi somente na contemporaneidade com maiores avanços na medicina, com os ideais vitorianos e outros aspectos que provocaram mudanças mais drásticas nas formas de abordar o parto e o materno. A cesariana, por exemplo, dentro do recorte temporal dos dois livros, era realizada somente no caso de morte da gestante durante o parto, quando havia alguma esperança de salvar o bebê ainda vivo em seu ventre, e nestes casos sim, recorria-se aos atendimentos médicos, quando possível.

Outro aspecto de destaque no segundo estudo é a preocupação com o batismo. Considerava-se imprescindível a salvação das jovens almas, e a preocupação com a morte dos bebês durante o parto ou logo após este demandava o que os autores descreveram como batismo de emergência, que nem sempre havia a possibilidade de ser realizado por um religioso, e muitas das vezes era realizado pelas mulheres presentes, dentre elas as parteiras. Inclusive, havia a preocupação em não enterrar natimortos não batizados em cemitérios sacralizados, nem junto às suas mães cristãs.

As amas de leite receberam a devida atenção nas duas pesquisas, com todos os autores indicando a sua importância cultural e econômica. Mulheres poderiam ser remuneradas por seus trabalhos e em alguns casos obter a libertação da condição de servidão através da prestação deste serviço. Ainda que o trabalho de Ainchinger e Grohsebner investigue um período o qual a sociedade hispânica havia se expandido para territórios colonizados além mar, e o reconheça, leva pouco em consideração os impactos que isto pode ter promovido, ou não, simplesmente não apreciando diretamente a possibilidade. Ainda que a questão da escravidão, por exemplo, seja mencionada, de acordo com os autores, esta era restrita mais ao sul da península e foi relacionada apenas com a provisão de aleitamento.

Tanto *Ser mãe na Idade Média* quanto *Childbirth in Early Modern Spain* deixaram claro que não há falta de fontes sobre o maternar e o parto antes do século XIX, mas sim, falta de interesse nestes tópicos dos pesquisadores, o que felizmente, está a mudar, e as duas obras são pontos de partida obrigatórios aos interessados.

Recebido: 05/02/2026

Aprovado: 15/04/2026